

Carlo Maria Martini

FALAR COM O CORAÇÃO

Organizado por Armando Torno



Editorial A. O.

Título original

Parlate con il cuore

Carlo Maria Martini

Proprietà letteraria riservata

© 2012 RCS Libri S.p.A., Milano

ISBN 978-88-17-06084-4

Prima edizione: settembre 2012

Tradução

António Valério, S.J.

Na Capa

Foto: © Civiltà Cattolica

Capa

Virgílio Cunha

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica, Lda

Depósito Legal nº

372632/14

ISBN

978-972-39-0780-3

Março de 2014

Com todas as licenças necessárias

©

**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA

Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441

www.apostoladodaoracao.pt/livros@snao.pt



Prefácio

Jamais esqueceremos, nós do «Corriere», o final da manhã do dia 19 de Junho de 2012. O Cardeal Martini tinha anunciado, dias antes, a sua visita à nossa redacção e o programa previsto era acolhê-lo, sem formalidades de maior, na reunião das onze, na qual se programa o jornal.

Nestes anos, foram muitas as grandes personagens convidadas para a sala *Albertini*, mas a atmosfera daquele dia era de todo peculiar. Por causa da figura carismática de Martini, pela enorme ligação com o dia-a-dia da cidade da qual foi arcebispo durante vinte anos. Certamente. Mas havia algo mais. Não saberia descrevê-lo a não ser com aquela subtil emoção que se apodera das pessoas nos momentos de reviravolta nas suas vidas, ou quando têm a sensação de ser testemunhas de um episódio que resistirá à passagem do tempo. Tratava-se simplesmente de se despedir da função de titular da rubrica de diálogo com os leitores que tinha mantido durante três anos. Não, não, era algo mais. Antes daquela manhã quente de Junho, os encontros tinham sido numerosos, com os colegas Armando Torno e Paolo Baldini, que

tinham tornado possível, com o seu trabalho, a correspondência pública com o Cardeal. Todos extraordinariamente belos, intensos. No seu pequeno quarto, cuidado mas modesto, do *Aloisianum di Gallarate*, a sua voz soava cansada, mas percebia-se, embora com dificuldade. Na manhã do dia 19 de Junho já não se ouvia. Martini falava-nos, recolhidos em silêncio ao redor da mesa albertiniana, movendo os lábios e agitando por momentos o corpo debilitado pela doença. Mas a sua voz era a do padre Damiano Modena, sentado pacientemente a seu lado, com o ouvido atento ao esforço de colher um sopro, uma leve vogal, um pedaço de frase.

Um grande sofrimento, que recordava o do Papa João Paulo II e o seu célebre murro sobre a mesa quando se deu conta de não estar a conseguir falar. Um episódio citado, em resposta a uma carta, também pelo cardeal: «Não tenho medo do silêncio. Vou-me perguntando, contudo, o que será que o Senhor me quer dizer com esta crescente dificuldade que, por um lado, combato, por outro, vou aceitando».

Nós escutávamos em silêncio, participando na dor daquela comunicação tão custosa. A doçura das palavras escolhidas e a generosidade da mensagem honravam-nos e comoviam-nos, mas não podíamos

atenuar o incómodo de uma escuta angustiante, a muda participação no decurso de uma doença. Naquela manhã, Martini falou, apesar de tudo, longamente, comentou os factos do dia, recordou que gostaria de ter sido jornalista e soube atenuar cada tensão. E, no fim, a voz do padre Damiano tinha-se fundido perfeitamente na expressão do seu rosto em sofrimento, mas sereno. O encontro continuou no meu gabinete. Martini contou o regresso ao paço arquiepiscopal, por ocasião da recente visita a Milão de Bento XVI. Discutimos ainda acerca das polémicas que naqueles dias tinham envolvido o Vaticano, a fuga de informações, desvio de documentos pessoais do pontífice, as polémicas internas. Encontrei-me diante de um purpurado desiludido, pessimista e até conformado com um deterioramento da situação. «Ainda não acabou, acontecerão outras coisas».

O diálogo que durante três anos o Cardeal manteve com os leitores do «Corriere», e dos quais este livro é uma síntese editada, foi excepcional, por vários motivos. Primeiro: pela extraordinária informalidade da relação. Nenhum medo, nenhum constrangimento, nenhum tema proibido, a sinceridade absoluta, até uma espécie de cumplicidade epistolar. Mérito de Martini que, não obstante a sua figura pública, tão nobre, destacada, com algum traço de aparente

frieza, soube sentar-se idealmente ao lado do leitor desconhecido e partilhar com ele os pensamentos mais privados, as angústias mais íntimas.

As perguntas sobre a existência de Deus, sobre a incapacidade de encontrar os sinais da presença de Cristo nos meandros difusos do mal, sobre a injustiça da dor, todas recebem respostas simples e ao mesmo tempo profundas. O teólogo retira-se prudentemente e deixa espaço ao pastor que veste as roupas humildes do seu rebanho. As noites da vida, as muitas que passamos em solidão, todas estão resumidas, lembramos o cardeal, na noite do Getsémani, na qual Jesus toma sobre Si todas as injustiças do mundo «para poder oferecê-las e purificá-las». «Jesus fala de amor, de perdão, e é credível porque não evitou nenhuma das dores do homem».

Segundo motivo: pela liberdade absoluta de pensamento, adverso a qualquer esquema, a qualquer conveniência, a qualquer liturgia. A mão estendida aos divorciados, aos quais a Igreja nega os sacramentos mas não pode e não deve expulsá-los ou ignorá-los, constitui um gesto de coragem e até de escândalo. A sinceridade, levada até à dureza de expressão, com a qual se condena a secularização dos costumes eclesíasticos, faz abalar os hábitos hierárquicos, pagando o preço de um isolamento pessoal. E posso dizer, neste

prefácio, que a decisão de confiar ao Arcebispo Emérito de Milão uma rubrica mensal de cartas não levantou entusiasmos curiais. Antes pelo contrário. É algo que tenho dificuldade em perceber, custa-me perceber que o bem da Igreja, tão vasto e subvalorizado, fique sepultado pelos comportamentos de alguns dos seus representantes mais prestigiados. Comportamentos que por vezes espelham, para pior, aqueles do execrado e materialista mundo laico. E percebo o sofrimento íntimo, acrescentado ao físico, que invade o Cardeal quando fala dos acontecimentos do Vaticano, da solidão de um Pontífice, com o qual, por outro lado, nem sempre está em sintonia. Alguém poderia perguntar-me qual é a carta que mais me marcou e que pode resumir, ou tentar fazê-lo, o valor desta recolha. É a carta de um senhor de 65 anos, privado, como muitos, da fé mas convencido que «aquela coisa lindíssima que é a vida não a poderia ter criado alguém que não fosse um ser extraordinário». O cardeal responde que, «não obstante a diferença entre o meu crer e a sua falta de fé, somos semelhantes, somo-lo como homens, no espanto diante da criação e da vida». São palavras lindíssimas que restituem o sentido de um destino comum, a ligação mais autêntica entre as pessoas, o significado de uma nova aliança. «Se quisesse examinar bem o seu íntimo», lê-se numa

outra resposta, «encontraria aí numerosas tensões que levam ao transcendente, desde a confiança da criança nos seus pais até àquela aceitação da própria vida que caracteriza o adulto maduro».

Este livro poderia ter um outro título. Proporia: *Conversas diurnas em Milão*, parafraseando o célebre diálogo com um outro grande jesuíta, Georg Sporschill, nas *Conversas nocturnas em Jerusalém*, a cidade da devoção e da esperança no pensamento martiniano, a meta de toda uma vida. E como subtítulo: A fé não está longe de quem não acredita. Se posso atribuir a este livro um outro significado profundo, é o de demonstrar ao leitor que, como diz o Cardeal, «o homem tem certamente em si mesmo a possibilidade de distinguir entre o bem e o mal a partir da própria consciência». E a consciência é «um músculo que se treina», com disciplina, com sacrifício. E, portanto, as diferenças entre quem acredita e quem não acredita são muito pequenas. Mas quem acredita, assegura o Cardeal, tem em si uma semente de loucura que só quem a experimenta poderá entender. Neste livro, todos poderão intuir isto: lendo as palavras de um grande padre, que já não tem voz, mas conserva um grande, e jovem, coração.

Ferruccio de Bortoli

Falar com o coração

Agradecimentos ao «Corriere»

Agradeço ao Doutor Ferruccio de Bortoli, Director do «Corriere della Sera», pelas suas palavras, pelo acolhimento dado à minha pessoa pelo jornal da rua Solferino, como também agradeço de coração aos jornalistas Paolo Baldini e Armando Torno.

Estes três anos foram motivo para um diálogo intenso entre princípios intelectuais e princípios morais. Verifiquei que há muitíssimas boas pessoas mas que, frequentemente, não têm tempo para ir ao coração das próprias perguntas.

Fiquei muito surpreendido diante da liberdade expressiva de tantas cartas e peço desculpa a todos os leitores que não puderam receber uma resposta directa. Seria verdadeiramente impossível.

Chega, porém, a hora em que esta rubrica se fecha, para não fazer dela um privilégio para os velhos. A todos incluo na minha oração e deixo aos jovens a continuação de um diálogo livre e profícuo.

Nota do organizador

Este livro, como o precedente Il comune sentire, recolhe as intervenções do Cardeal Carlo Maria Martini no «Corriere della Sera». Durante três anos, em cada último Domingo do mês, respondeu aos leitores. Nas páginas seguintes encontram-se as suas considerações e reflexões. Quase dois anos da sua correspondência, começando na segunda metade de 2010.

As páginas mensais no diário nasceram de uma ideia de Ferruccio de Bortoli, logo que foi nomeado director em 2009. Martini acolheu o convite depois de ter reflectido durante uma semana e, no início, pensava comprometer-se por um ano. Acabaram por ser três. E ainda hoje, depois do anúncio do fim da página com as respostas do Cardeal, continuam a chegar cartas ao «Corriere».

A redacção e os títulos publicados no jornal devem-se a Paolo Baldini; para este livro, porém, seguiu-se um critério diferente daquele que regulava a rubrica mensal, e os textos disponíveis, sem alterações, foram postos noutra ordem para melhor favorecer a continuidade espiritual que os une.

Acrescente-se que o Cardeal estabeleceu com Paolo Baldini e com o redactor uma espécie de plano de tra-

balho: todos os meses levavam-lhe as cartas chegadas à redação e ficavam a discutir com ele este ou aquele tema; depois, no sábado anterior à publicação marcava-se um outro encontro para ver materialmente a paginação. O Cardeal relia, fazia observações acerca do título e da imagem (escolhia entre três ou quatro propostas), por fim dava o seu imprimatur. O Padre Damiano Modena estava sempre connosco, a sua ajuda e as suas intervenções eram sempre preciosas. É triste admitir que este nosso trabalho está, ao menos no que diz respeito à página de resposta às cartas, terminado. Nestes três anos, sua Eminência, de modo senhoril e com discrição, ensinou-nos muito. Por vezes, era uma observação acerca de uma passagem bíblica, da qual nos fazia uma rápida e intensa exegese; outras vezes, as suas considerações diziam respeito a acontecimentos do dia, problemas e, também nesse caso, havia sempre algo a aprender. Decerto, as nossas visitas continuarão mas – como dizer isto? – agora damo-nos conta que os três últimos anos foram para nós e para muitos leitores de um grande enriquecimento espiritual. Do Cardeal Martini aprende-se também quando responde com um simples gesto ou decide replicar com um sorriso.

Armando Torno

Primeira parte

A FÉ QUE RENASCE NA NOITE

Estas palavras fazem-me sempre muita impressão, porque nunca me aconteceu ter que chegar a dizer: «a minha alma sofre uma tristeza de morte»; existiram muitos momentos de tristeza, mas a ponto de ser esmagado, de ser triturado, nunca tal me aconteceu. Portanto, penso que algo terrível tenha acontecido a Jesus. O que terá sido? Provavelmente, a previsão iminente da Paixão; talvez Jesus ignorasse todos os pormenores, mas sabia que os homens estavam contra Ele, queriam eliminá-Lo do modo mais cruel possível. Sabia que estava nas mãos de homens maus: este é já um motivo de medo e angústia. Mas, além disso, provavelmente sentia sobre si toda a injustiça do mundo e isto é algo que não se pode suportar; a injustiça do mundo que se exprime nas guerras, nas carestias, nas opressões, nas formas de escravidão é imensa e percorre toda a história. E quando nos detemos a considerar esta injustiça, ficamos sem ar, somos esmagados. Mas Jesus quis ser quase esmagado por estas coisas para poder tomá-las sobre Si. Por isso devemos dizer que, por um lado, as injustiças do mundo, da história, da história da Igreja nos fazem sofrer mas,

por outro, que temos a certeza que Jesus as acolheu em Si e, portanto, as resgatou. Não sabemos como, mas esta é uma certeza que nos deve acompanhar, e nos deve acompanhar em todas as noites de sofrimento, de dor, quando nos encontramos diante de uma notícia que nos toca e que é nefasta. Por exemplo, um tumor, poucos meses de vida. Então surge uma espécie de revolta, de não-aceitação. É uma luta interior. Noite do sofrimento, noite da fé, na qual já não se sente mais a presença de Deus. Isto é muito duro, sobretudo quando se é comprometido com a fé. Noite da fé pela qual passaram S. João da Cruz e, recentemente, Madre Teresa de Calcutá, que dizia que até aos cinquenta anos lhe parecia que Deus estava próximo dela, depois nada mais. Tendo-a conhecido, via esta sua rectidão, esta sua fidelidade, esta sua tensão, mas não imaginava que por detrás disso estivesse a escuridão completa acerca da existência de Deus, do Deus retribuidor. Também Santa Teresa do Menino Jesus atravessou esta noite. Podemos dizer que todas estas noites são resumidas na noite do Getsémani e nela Jesus recebe todas as nossas injustiças e fá-las suas, acolhe-as para as poder oferecer e purificar. Esta é uma primeira imagem que vos deixo.

Uma segunda imagem é a do túmulo. O que quer que tenha acontecido no dia de Páscoa, nós não o

sabemos. A liturgia romana diz: «Oh noite bendita, única a ter conhecimento do tempo e da hora»; e nós não sabemos nada, ninguém esteve presente, ninguém o narrou; mas podemos imaginar as suas conseqüências. Descreveria assim: uma grande explosão de luz, de paz e de alegria na noite do túmulo. Explosão de luz, de paz e de alegria que é poder do Espírito, que toma antes de mais o corpo de Jesus e o vivifica, torna-o capaz de ser intercessão pelo mundo. Mas depois continua em cada um dos que estão vivos, suscitando neles as disposições de Jesus. Portanto, parece-me muito redutor dizer: o Espírito Santo é o sinal do amor de Deus por mim. O Espírito Santo é sinal das escolhas de Jesus assumidas por mim. É aquela força, aquele dinamismo, aquela capacidade de amar o pobre, de amar o que sofre, de amar aquele que se encontra em situação de injustiça, porque assim o Espírito cumpre a sua obra. E nós podemos dizer que esta obra sempre se cumpre, segundo o que Jesus afirmou: «Eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo» (cfr. *Evangelho segundo S. Mateus* 28, 20). Indica a sua presença também com o seu Espírito, com a sua capacidade de ver as coisas, de reagir, de julgar. Certamente, é necessário para isto um grande espírito de fé, pois muitos dirão: «Eu não vejo nada, vejo as coisas irem

de mal a pior». São necessários os olhos da fé para ler nos acontecimentos da minha vida e à minha volta esta presença do Espírito Santo que constrói o mundo novo, a Jerusalém celeste, que não é uma cidade no céu separada de nós, mas uma cidade que vem do céu, isto é, da força de Deus, e transforma todas as relações desta terra. Ninguém melhor que Pierre Teilhard de Chardin descreveu esta Jerusalém celeste, na qual via precisamente o fim, o ponto Ómega da redenção em Cristo, onde toda a humanidade seria reunida e salva, una e transparente, uns diante dos outros, e todos nós diante de Deus. É necessário ter presente este fim da história, porque de outro modo seremos banalizados pelos acontecimentos quotidianos ou sofreremos quando sucedem grandes calamidades e não temos nenhuma chave para as interpretar. E esta não é uma chave lógica, é uma chave mística, espiritual, dada pelo Espírito Santo: procurar ver em tudo a acção do Espírito que opera sem cessar.

Índice

<i>Prefácio</i>	5
<i>Agradecimentos ao «Corriere»</i>	13
<i>Nota do organizador</i>	15
PRIMEIRA PARTE – A fé que renasce na noite	17
O homem diante da morte.....	25
O mal no mundo e o sentido da dor.....	35
Cristo e o símbolo da Cruz.....	47
A existência de Deus como problema não resolvido.....	57
SEGUNDA PARTE – Entre fé e sociedade	69
Valores humanos e valores de fé.....	77
As novas gerações e a fé	87
As palavras da fé	97
A Igreja num mundo em mudança	109
Deus na história	125
<i>Apêndice</i>	133